

Questões de gênero e intergeracionalidade: Contemplar as diferenças na Educação de Jovens e Adultos ao se trabalhar com Educação Financeira

Ana Alice Zulian¹
Denner Dias Barros²

Resumo: A Educação de Jovens e Adultos é um direito garantido aos cidadãos brasileiros que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos no período adequado. A Educação Financeira compõe um assunto de suma importância para que os alunos da EJA tenham formação prática e crítica e possam mobilizar seus conhecimentos na sociedade. Grande parte do público desta modalidade são mulheres casadas, viúvas ou divorciadas, cujos pais ou maridos proibiram os estudos ou que ficaram impossibilitadas de continuar por conta de seus afazeres. Nesse sentido, para compreender o que as pesquisas têm discutido sobre a Educação Financeira na Educação de Jovens e Adultos, com relação a reflexões de gênero e intergeracionalidade, foi realizado um estudo bibliográfico que parte de trabalhos cuja temática relaciona Educação Financeira e EJA. A busca foi feita na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, com 22 estudos selecionados. Após a análise, foi observado que apenas 4 estudos apresentaram reflexões quanto à intergeracionalidade. Quanto às reflexões promovidas pela diferença de gênero, apenas 2 mencionam como isso afetou o desenvolvimento do ensino ou de como isso afeta as escolhas econômicas do indivíduo. Desse modo, foi possível inferir que apesar de as individualidades dos alunos serem um fator decisivo no desenvolvimento de seu aprendizado, pouquíssimos trabalhos as mencionam, tampouco refletem a respeito de suas consequências. Por esse motivo, valida-se a ampliação de estudos que considerem esses indivíduos para além de alunos, assim, promovendo a educação conforme ela é prevista constitucionalmente.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Educação Financeira; intergeracionalidade; estudos de gênero, estudo bibliográfico.

Introdução

Constitucionalmente, o acesso à Educação é um direito de todos os cidadãos brasileiros como forma de possibilitar aos indivíduos que possam participar plenamente na vida em sociedade. Por esse motivo, a Constituição Federal brasileira garante a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma modalidade de ensino. Nesse sentido, a EJA é direcionada àqueles que não

¹Licenciada em Matemática pelo Instituto de Ciências Matemáticas e Computação da Universidade de São Paulo (ICMC/USP), anaalicezulian@usp.br;

²Docente do departamento de Matemática do Instituto de Ciências Matemáticas e Computação da Universidade de São Paulo (ICMC/USP), denner@icmc.usp.br

tiveram a oportunidade de completar a formação na Educação Básica dentro do período estipulado (Brasil, 1988).

O ensino para pessoas jovens, adultas e idosas também é amparado legalmente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (Brasil, 2000). A EJA é constituída pelas etapas do Ensino Fundamental, para pessoas a partir de 15 anos, e do Ensino Médio, para pessoas com mais de 18 anos. Além disso, diversas modalidades de ensino interseccionam a Educação para Pessoas Jovens, Adultas e Idosas: ela pode ser ofertada de maneira à distância, presencial ou semipresencial e contempla Estudantes Público-Alvo da Educação Especial (EPAEE).

Por ser tão amplo, o público da EJA é extremamente heterogêneo, Fonseca (2018) destaca que seus alunos são caracterizados para além da faixa etária, pelo seu perfil sociocultural. A autora ressalta que os alunos que abandonam a escola são levados por diversos motivos econômicos e sociais, estes deixam a escola “sobretudo, porque não consideram que a formação escolar seja assim tão relevante que justifique enfrentar toda essa gama de obstáculos à sua permanência ali” (Fonseca, 2018, p.33).

A heterogeneidade dos alunos que integram a EJA representa um desafio para a promoção da aprendizagem significativa, uma vez que cada discente possui seu contexto sociocultural, carrega seus estereótipos sociais e inseguranças próprias, ou seja, para cada um é necessário um tipo apoio e de conexão com o conteúdo.

Nesse sentido, a intergeracionalidade é definida como a integração e compartilhamento de culturas e conhecimentos entre indivíduos de diferentes gerações (Rinck, 2023). Levando em consideração a ampla dimensão do público da Educação de Jovens e Adultos, a intergeracionalidade pode ser uma característica presente nas dinâmicas das atividades, contribuindo para a formação dos alunos quanto à criticidade e à empatia, além disso, ouvir a experiência desses indivíduos faz com que se sintam valorizados enquanto cidadãos já atuantes na sociedade.

Fonseca (2018, p. 23), retrata que crianças, jovens, adultos e idosos têm meios diferentes de se conectar com o aprendizado, pois possuem vivências diferentes, segundo ela “Esse modo diferenciado de inserção no mundo do trabalho e das relações interpessoais define modos também diferenciados de relação com o mundo escolar e de perspectivas, critérios e estratégias de produção do conhecimento”. É possível perceber que, na mesma linha de raciocínio, as diferenças de expressões e identidades de gênero também são fatores que interferem no modo pelo qual estes estudantes aprendem, pois constituem diferentes vivências de mundo.

Esse fenômeno é relatado por Andressa Oliveira de Souza (2019), ao observar o público da EJA de uma escola em Vilhena - RO. No perfil traçado pela autora as alunas são mulheres casadas, viúvas ou divorciadas, cujos pais ou maridos proibiram os estudos ou que ficaram impossibilitadas de dar continuidade a estes por conta de seus afazeres. É visível que estas mulheres enfrentam diversos desafios relacionados aos estereótipos de gênero impostos socialmente.

Nesse sentido, considerando o contexto apresentado, este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa que se desenvolveu como um projeto de Iniciação Científica da primeira autora, sob orientação do segundo autor no Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) da Universidade de São Paulo. O objetivo foi analisar os trabalhos que relacionam Educação de Jovens e Adultos com Educação Financeira para investigar principalmente se são mencionados as diferenças de gênero e o fator intergeracionalidade e quais as suas consequências para a aprendizagem dos alunos.

Metodologia

O estudo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica, a busca foi feita na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) de pesquisas utilizando os termos “Educação Financeira ou Matemática Financeira” e “Educação de Jovens e Adultos”. Limitando o período de publicação de 2000, em

que foram estabelecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, até a atualidade.

Inicialmente, o foco foi analisar apenas se as teses e dissertações faziam menção à intergeracionalidade, para investigar se os autores exibem uma preocupação com a individualidade dos seus alunos. Porém, a partir da análise dos estudos, foram apresentados dois outros pontos.

Desse modo, a revisão bibliográfica analisou os aspectos ligados à intergeracionalidade, à menção e reflexão acerca de estereótipos de gênero e a preocupação acerca do desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos nas aulas de Educação Financeira da Educação de Jovens e Adultos.

O levantamento de teses e dissertações resultou em 22 teses e dissertações analisadas.

Resultados

Dos trabalhos selecionados, 16 envolvem práticas pedagógicas com turmas da EJA (entrevistas, questionários, aplicação de atividades, desenvolvimento de sequências didáticas). Os demais trabalhos, apesar de não abordarem práticas pedagógicas, ainda foram desenvolvidos no âmbito da EJA e envolviam a Educação Financeira, contemplando revisões bibliográficas, entrevistas com estudantes e análise de materiais didáticos.

O principal quesito analisado leva em consideração a menção à intergeracionalidade, ou seja, menção ao diálogo e troca entre gerações, que está presente na modalidade EJA. Das observações, foi obtido que apenas quatro dos 22 trabalhos fazem menção ao tema apresentando comentários relativos à diferença de faixa etária entre os alunos da modalidade e suas consequências na aprendizagem.

A dissertação de Karla Beatriz V. Silveira (2007) teve por objetivo era analisar quais as dificuldades de aprendizagem mais comuns na Matemática relacionadas aos estudantes da modalidade EJA no Ensino Médio de uma escola estadual, além de buscar possibilidades para superá-las. Em um relato de

atividade é feita uma diferenciação do nível de insegurança dos alunos levando em consideração idade e gênero; a autora descreve “As educandas mais velhas observaram, primeiramente, os meninos e depois, as meninas mais moças da turma, deixando nítido o sentimento de inferioridade em relação a eles, no fator idade e gênero” (p. 69), esse quesito não é mais abordado depois disso.

O trabalho de Luciano Pecoraro Costa (2012) compreende uma revisão bibliográfica de trabalhos a respeito da Matemática Financeira e a aplicação de algumas atividades a duas turmas, uma do 9º ano do Ensino Fundamental e a outra do 3º ano do Ensino Médio, na modalidade EJA. O autor relata que houve alguns embates entre os alunos da turma devido ao choque entre as gerações: alunos que não pararam de estudar, mas repetiram diversas vezes e alunos que a muito tempo pararam de estudar. Segundo ele, isso se deu porque os alunos mais velhos tinham mais interesse em aprender, enquanto os mais novos atrapalhavam as aulas com conversas paralelas.

Júlio César Rossetto (2019), dedica seu estudo à investigação da aplicação de uma prática pedagógica relativa à Educação Financeira Crítica e os impactos dela na gestão orçamentária de uma turma de 2º ano do Ensino Médio na modalidade EJA. Nos relatos das atividades, uma aluna menciona que para ela a sua idade avançada é um possível dificultador de aprendizado (principalmente para tecnologia), porém não se compara aos outros alunos.

O trabalho de Rafael de Moraes Merola (2023) leva em consideração a teoria da Educação Matemática Crítica de Skovsmose (2008) para analisar a coleção de livros didáticos “Aprender Sempre” da editora Global, destinados ao Ensino Médio da Educação de Jovens Adultos e Idosos (EJA) levando em consideração a Educação Financeira. Logo na introdução, Merola (2023) discorre em relação à importância da intergeracionalidade no ensino-aprendizagem da Educação Financeira (EF) no âmbito da EJA, para ele, as diferentes faixas etárias dos indivíduos da EJA estão imersas em contextos que permitem a discussão da EF. Por isso, em sua visão, estimular a troca de experiências entre as gerações auxilia no crescimento dos estudantes.

Quanto à menção às questões de gênero no contexto da Educação Financeira da Educação de Jovens e Adultos, apenas dois estudos fazem considerações de como isso afetou o desenvolvimento do ensino ou de como isso afeta as escolhas econômicas da pessoa.

Um deles é o estudo de Silveira (2007), já descrito anteriormente, em que, segundo a autora, as alunas mais velhas se comparam aos homens e mulheres mais jovens sentindo-se inferiores. O outro é a dissertação de Amanda Fabri de Resende (2013) que aborda uma pesquisa feita com o objetivo de investigar diferentes visões sobre decisões financeiras de alunos da EJA. Para isso são feitos diferentes questionamentos a dois alunos específicos sobre algumas situações financeiras e quais as ações que eles tomariam frente a elas. Os alunos que participaram da pesquisa são chamados de: “Lúcia” de 50 anos e “Newton” de 67, a autora analisa as respostas dos entrevistados para discutir preconceitos sociais como a ideia de que mulheres gastam mais que os homens e gastam com coisas supérfluas. Como resultado, Resende (2013) aponta que para a “Lúcia” os quesitos levados em consideração na compra são a qualidade do produto, praticidade e o desconto; enquanto para “Newton” os principais fatores são o seu orçamento e a necessidade da compra.

Conclusão

Os trabalhos analisados permitiram a visualização de um panorama da pesquisa a respeito dos temas de Educação Financeira e Educação de Jovens e Adultos dentro do período de 24 anos. Nesse sentido, é possível inferir que a maioria dos trabalhos não tem como objetivo principal analisar os quesitos intergeracionalidade e estereótipos de gênero, nem mesmo quando estes temas são observados na realização de atividades em aulas. Estes também não visam muitas vezes o desenvolvimento dos pensamentos críticos de seus alunos, permanecendo com o foco nas metodologias utilizadas e nos conteúdos.

Nos trabalhos em que os aspectos de intergeracionalidade e os estereótipos de gênero são observados, os relatos apresentam a inferiorização

das mulheres mais velhas diante dos demais alunos, no quesito gênero e idade. Neste contexto, é possível inferir que os valores e crenças dos alunos são condizentes com a visão social de que a Matemática, e as ciências ditas exatas em geral, não são ciências femininas e que os homens, apenas por seu gênero, possuem maior habilidade nestas áreas.

Outra observação encontrada nos trabalhos diz respeito à visão social de que os indivíduos só aprendem enquanto jovens, ou seja, quanto maior a idade, menor a capacidade de aprendizagem. Essa visão do indivíduo idoso como inválido decorre principalmente da lógica do sistema financeiro capitalista, em que o valor da pessoa é medido em termos de produtividade, ou seja, como as pessoas idosas e adultas produzem menos, então elas são inferiorizadas socialmente, o que afeta diretamente em sua autoestima e consequentemente em sua aprendizagem.

Em suma, foi possível constatar a necessidade de ampliar os estudos vigentes para que possam abarcar os quesitos aqui observados. É imprescindível também que os professores da modalidade EJA tragam para pauta em sala de aula questionamentos acerca dos estereótipos sociais de gênero e idade, para que não se perpetuem.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer CEB n. 11/2000. CNE, Brasília: 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. 200 p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

COSTA, L. P. **Matemática financeira e tecnologia: espaços para o desenvolvimento da capacidade crítica dos educandos da educação de jovens e adultos**. 2012. 183 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

FONSECA, M. C. F. R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos: especificidades, desafios e contribuições**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MEROLA, R. M. **Juros, consumo e meio ambiente: um olhar para a Educação Financeira presente no livro didático do Ensino Médio da Educação de Jovens, Adultos e Idosos**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2023.

RESENDE, A. F. **A Educação Financeira na Educação de Jovens e Adultos: Uma leitura da produção de significados financeiro-econômicos de dois indivíduos-consumidores**. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/983>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

RINCK, G. A. **A Intergeracionalidade no encontro com a Matemática: Possibilidades para jovens universitários**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/239400>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

ROSSETTO, Júlio César. **Educação financeira crítica: a gestão do orçamento familiar por meio de uma prática pedagógica na educação de jovens e adultos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Exatas) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 2019.

SILVEIRA, K. B. V. **O educando da EJA: dificuldades e superações na aprendizagem de Matemática Financeira**. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Universidade Franciscana, Santa Maria, 2007.

SOUZA, A. O. **A mulher aluna da EJA: caminhos e perspectivas no retorno à escola**. TCC (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Rondônia, Vilhena, 2019. Disponível em: <https://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/2890/1/TCC%20FINAL%20ANDR ESSA%20OLIVEIRA%20DE%20SOUZA.pdf>. Acesso em: 09 maio 2024.